

PRODUÇÃO DE GRÃOS – FEIJÃO, MILHO E SOJA

JACKSON DANTAS COÊLHO

Economista. Mestre em Economia Rural
jacksondantas@bnb.gov.br

Resumo: dispõe sobre cadeia produtiva, preços e tendências de mercado para feijão, milho e soja. A Covid-19 tende a afetar toda a atividade econômica: eventuais problemas podem surgir na logística de distribuição da produção destes grãos. Os preços do feijão podem se elevar nos próximos meses, em razão do possível aumento na demanda; os preços externos do milho podem cair, pelo excesso gerado com o baixo preço do petróleo, que inviabiliza a produção de etanol e afeta as exportações brasileiras. Os preços internos tendem a se manter, em razão do maior consumo de milho na produção confinada de proteína mais barata que a bovina, como a suína e a de aves. Já a soja tem perspectiva de nova safra recorde, e com o dólar em cotações também recorde, os preços externos, por enquanto, estão muito altos, dando sustentação aos preços internos; mas tendem a baixar no longo prazo, persistindo a queda do preço do petróleo.

Palavras-chave: safra; Covid-19; pandemia; preços.

FEIJÃO

Cadeia produtiva

A cultura do feijão é importante fonte de energia, com baixo teor de gordura e ingrediente indispensável na cozinha brasileira e nordestina. De produção predominantemente familiar, tem baixa rentabilidade se comparada

a outras culturas, limitando maiores investimentos. Não obstante, o feijoeiro *Phaseolus vulgaris* é uma planta rústica, resistente a estresses hídricos e de ciclo curto de produção (55 a 90 dias). São 14 os tipos de feijão cultivado, sendo mais conhecidos no Brasil o carioca, o preto, o fradinho (o mesmo macassar, caupi ou de corda) e os feijões tipo cores (branco, vermelho, roxo e outros). Adapta-se às diversas condições de clima e solo, podendo ser cultivado isoladamente, em consórcio ou intercalado, em três safras anuais, mas o valor comercial e nutritivo do feijão deprecia-se rapidamente após a colheita, perdendo sua qualidade após dois meses de estocagem.

Na fase de comercialização, a venda do produtor se dá para um intermediário, que a revende para um atacadista, que a empacota e vende ao supermercado. A estocagem exige grande controle, pela alta perecibilidade, necessitando aplicação de inibidores de insetos. A logística de transporte é influenciada pelo gosto do consumidor e pelas três safras, em diferentes regiões e épocas (a primeira no Sul, a segunda no Nordeste e a terceira no Sudeste), exigindo intenso transporte rodoviário do produto, mais oneroso, até chegar aos supermercados, em pacotes, para os consumidores finais.

Um dos entraves na comercialização é a concentração da produção no tipo carioca (40%). Segundo o Instituto Brasileiro do Feijão, o Brasil é o único produtor mundial

ESCRITÓRIO TÉCNICO DE ESTUDOS ECONÔMICOS DO NORDESTE - ETENE

Expediente: Banco do Nordeste: Romildo Carneiro Rolim (Presidente), Luiz Alberto Esteves (Economista-Chefe). Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste - ETE-NE: Tibério R. R. Bernardo (Gerente de Ambiente). Célula de Estudos e Pesquisas Setoriais: Luciano F. Ximenes (Gerente Executivo), Maria Simone de Castro Pereira Brainer, Maria de Fátima Vidal, Jackson Dantas Coêlho, Fernando L. E. Viana, Francisco Diniz Bezerra, Luciana Mota Tomé, Biágio de Oliveira Mendes Júnior. Célula de Gestão de Informações Econômicas: Bruno Gabai (Gerente Executivo), José Wandemberg Rodrigues Almeida, Gustavo Bezerra Carvalho (Projeto Gráfico), Hermano José Pinho (Revisão Vernacular), Francisco Kaique Feitosa Araujo e Marcus Vinicius Adriano Araujo (Bolsistas de Nível Superior).

O **Caderno Setorial ETENE** é uma publicação mensal que reúne análises de setores que perfazem a economia nordestina. O Caderno ainda traz temas transversais na sessão "Economia Regional". Sob uma redação eclética, esta publicação se adequa à rede bancária, pesquisadores de áreas afins, estudantes, e demais segmentos do setor produtivo.

Contato: Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste - ETENE. Av. Dr. Sílas Munguba 5.700, Bl A2 Térreo, Passará, 60.743-902, Fortaleza-CE. <http://www.bnb.gov.br/etene>. E-mail: etene@bnb.gov.br

Aviso Legal: O BNB/ETENE não se responsabiliza por quaisquer atos/decisões tomadas com base nas informações disponibilizadas por suas publicações e projeções. Desse modo, todas as consequências ou responsabilidades pelo uso de quaisquer dados ou análises desta publicação são assumidas exclusivamente pelo usuário, eximindo o BNB de todas as ações decorrentes do uso deste material. O acesso a essas informações implica a total aceitação deste termo de responsabilidade. É permitida a reprodução das matérias, desde que seja citada a fonte. SAC 0800 728 3030; Ouvidoria 0800 033 3030; bancodonordeste.gov.br

e o maior consumidor dessa variedade, pouco aceita no exterior pela sua alta deterioração (IBRAFE, 2018a). O problema se agrava com quebra de safra, pois não há variedade alternativa. Se houver excesso de produção, não há exportação e o produto fica escurecendo nos armazéns, perdendo qualidade e onerando custos de carregamento, gerando deságio na venda.

O Nordeste do Brasil, historicamente, tem área maior que a soma das áreas de Sul, Sudeste e Centro-Oeste (1,51 milhão de hectares contra 1,32 milhão), no entanto, a produtividade (442 kg/ha) é de apenas 24% destas, que têm índices de 1.600 kg/ha. a 2.000 kg/ha. A Bahia é o quinto produtor nacional, único estado nordestino entre maiores produtores, sendo destaque na produção de feijão-comum cores primeira safra. Nesta variedade, a estimativa para esse ciclo é de 11 mil hectares semeados a partir do final de abril, uma vez que o manejo é exclusivamente irrigado em pivô central. A área plantada foi de 59,1 mil

hectares, visto que até o final de março de 2020 foram colhidos cerca de 25% desse total. Ao todo, a expectativa é que o estado produza 29,1 mil toneladas. Em relação ao feijão-caupi, ainda na Bahia, as lavouras localizadas no extremo-oeste, que foram semeadas em novembro de 2019, já estão totalmente colhidas. Já as lavouras no centro-norte e centro-sul do estado foram semeadas em janeiro e fevereiro de 2020 devido ao atraso na chegada das chuvas e ainda se encontram em fase de enchimento de grãos e maturação, com colheita prevista para início de abril. São esperadas cerca de 59,2 mil toneladas do grão nessa primeira safra. Na Região Nordeste, a projeção é que sejam plantados mais de 690 mil hectares com o feijão-caupi nessa segunda safra. O Ceará é o grande destaque, com plantio de 384,3 mil hectares e uma estimativa de produção na ordem de 108 mil toneladas. Pernambuco também destina uma área expressiva para o cultivo do grão. São mais de 107 mil hectares previstos nesse ciclo, com uma produção que deve chegar a 40,2 mil (CONAB, 2020a).

Tabela 1 – Produção de feijão no Brasil, por regiões e estados selecionados

| REGIÃO/UF | Ano-safra | | | | | Variação % | | | |
|---------------|----------------|----------------|----------------|----------------|-----------------|-------------|--------------|--------------|------------|
| | 2015/16 (a) | 2016/17 (b) | 2017/18 (c) | 2018/19 (d) | 2019/20 (e) (1) | b/a | c/b | d/c | e/d |
| SUL | 828,5 | 942,7 | 822,4 | 813,9 | 940,0 | 13,8 | (12,8) | (1,0) | 15,5 |
| SUDESTE | 710,1 | 810,6 | 783,0 | 756,2 | 744,1 | 14,2 | (3,4) | (3,4) | (1,6) |
| CENTRO-OESTE | 558,8 | 836,5 | 791,4 | 711,7 | 690,3 | 49,7 | (5,4) | (10,1) | (3,0) |
| NORDESTE | 338,4 | 679,1 | 641,0 | 659,4 | 668,4 | 100,7 | (5,6) | 2,9 | 1,4 |
| NORTE | 77,1 | 130,6 | 78,3 | 79,6 | 77,9 | 69,4 | (40,0) | 1,7 | (2,1) |
| PR | 588,6 | 710,5 | 587,4 | 613,3 | 751,8 | 20,7 | (17,3) | 4,4 | 22,6 |
| MG | 520,0 | 535,0 | 513,6 | 542,6 | 545,6 | 2,9 | (4,0) | 5,6 | 0,6 |
| MT | 234,0 | 414,0 | 351,3 | 344,8 | 316,8 | 76,9 | (15,1) | (1,9) | (8,1) |
| GO | 284,4 | 343,0 | 367,7 | 304,4 | 302,6 | 20,6 | 7,2 | (17,2) | (0,6) |
| BA | 137,5 | 300,5 | 187,5 | 257,7 | 266,2 | 118,5 | (37,6) | 37,4 | 3,3 |
| SP | 177,3 | 261,9 | 254,4 | 198,3 | 183,4 | 47,7 | (2,9) | (22,1) | (7,5) |
| BRASIL | 2.512,9 | 3.399,5 | 3.116,1 | 3.020,8 | 3.120,7 | 35,3 | (8,3) | (3,1) | 3,3 |

Fonte: CONAB (2020b).

Nota: (e) Previsão, em abril de 2020.

O feijão produzido na agricultura tradicional emprega baixo nível de tecnologia e de profissionalização. 84% dos produtores utilizam sementes caseiras, degenerando as variedades plantadas e facilitando a contaminação por patógenos e danos mecânicos (CONAB, 2017). O produtor familiar geralmente é descapitalizado e produz em consórcio com outras culturas. Além disso, a baixa produtividade vem da ausência de calagem e/ou erosão do solo, da adubação desequilibrada e do manejo inadequado de pragas e doenças, pela assistência técnica deficitária. Contudo, a cultura do feijão tem inestimável valor nutricional, social e econômico para a agricultura familiar. É uma cultura secular do semiárido brasileiro.

No contexto global, Índia, Myanmar, Brasil, Estados Unidos, China e Tanzânia, nessa ordem, são os grandes produtores mundiais, com 57% da produção (18,2 milhões) de um total de 31,8 milhões de toneladas (FAOSTAT, 2020). O consumo é pequeno nos países desenvolvidos e

o fato peculiar dos grandes produtores mundiais serem os maiores consumidores gera poucos excedentes exportáveis, limita o conhecimento do mercado e o comércio internacional do produto (CONAB, 2017).

Preços

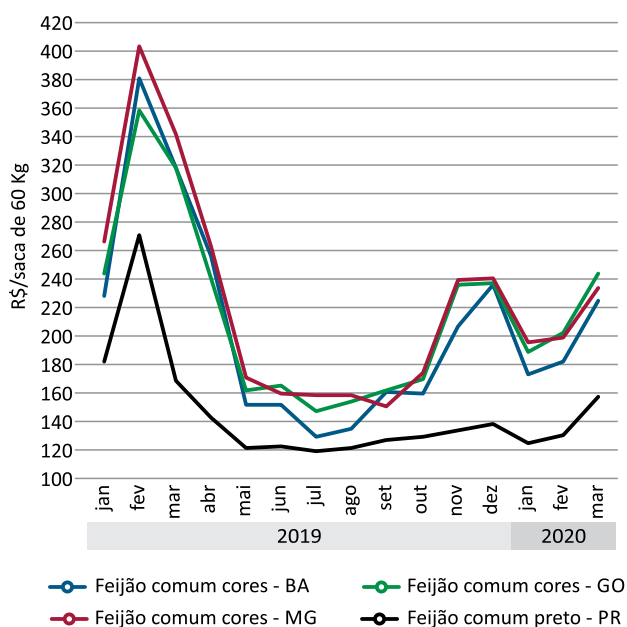
O mercado é influenciado pelo tipo de grão comercializado, clima, fatores agrônômicos e sazonalidade. O preço depende do mercado interno, já que exportação e importação são pequenas. A existência de três safras da cultura facilita a mudança na intenção de plantio, pelo produtor, ao longo do ano, podendo influenciar preços.

A situação atual mostra tendência de crescimento, muito embora bem diferente de fevereiro de 2019, devido ao clima e à redução de área, tomada, em parte, pelo milho e pela soja, com melhores preços, impactando negativamente o consumo. O feijão preto, até 2019, tinha oscilações menores pelo fato da sua demanda ser suprida em grande es-

cala por importações argentinas. Antes de março de 2020, os preços subiam em razão da baixa oferta. E com a recente pandemia de Covid-19, que atingiu o Brasil de forma mais generalizada em março, cujos desdobramentos e previsões mudam diariamente, deve haver maior procura por parte da população para estocar alimentos, o que está se refletindo nos preços; não se descartam eventuais problemas na logística de abastecimento, pela restrição na circulação de pessoas e de mercadorias, o que poderá levar a novos aumentos de preço (NOTÍCIAS AGRÍCOLAS, 2020).

- Segundo analista da Conab¹: a) Feijão comum cores - o mercado trabalha com uma oferta muito apertada, e os baixos estoques, e as incertezas do fator clima, devem assegurar preços satisfatórios aos produtores, com estímulo em pedidas mais elevadas até o fim de abril. No entanto, a partir de maio a situação tende a se normalizar com o avanço das colheitas dos estados das Regiões Sudeste, Centro-Oeste e Nordeste. Estima-se que nas duas primeiras, o volume deverá pressionar significativamente os preços para baixo; b) Feijão comum preto: o câmbio em alta limitou algumas negociações com os produtos importados, o que acabou beneficiando, de certa forma, os produtores brasileiros na concorrência do produto. A 2ª safra está concluída, assim o Brasil dependerá de importações da Argentina, que concluiu o seu plantio em março. Do volume a ser produzido naquele país, cerca de 70% da produção de feijão comum preto são destinados ao Brasil.

Gráfico 1 – Evolução dos preços do feijão, em praças selecionadas, 2019-2020



Fonte: CONAB (2020c).

Tendência

- O momento é atípico devido a pandemia, houve procura acentuada das famílias naquele primeiro momento, o que elevou os preços, mas o prolongamento da

crise se reflete também diretamente no poder de compra do consumidor. O feijão é um produto de primeira necessidade, os preços estão elevados para a situação atual, há de se esperar o que deve ocorrer com a entrada da próxima safra. Em abril, com a entrada da safra, naquela oportunidade a tendência é de queda dos preços.

MILHO

Cadeia produtiva

O milho é de fácil plantio e colheita, sendo conhecidas 150 espécies diferentes. É um alimento rico e muito utilizado na cozinha brasileira, embora a maior parte seja usada na ração animal e, também, na produção de biocombustível. O milho tem a primeira safra (de verão) e a segunda (de inverno ou 'safrinha'). O plantio é zoneado pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) e tem alto potencial produtivo, se observada a época correta do plantio. Na Região Sul, é de agosto a setembro; no Centro-Oeste e Sudeste, de outubro a novembro. No Nordeste (principalmente Bahia e Piauí), concentrado no final de novembro e durante dezembro.

A cadeia produtiva do milho constitui-se de: setor de insumos (fornecedores de defensivos, fertilizantes, sementes, máquinas); produção propriamente dita (produtores familiares ou empresariais); armazenamento (cooperativas e armazéns públicos ou privados); processamento (o primário abrange indústria de rações animais, de produção de amido, fubás e flocos de milho; o secundário, outros produtos finais, cereais, misturas para bolos); distribuição (para atacado e varejo, externo e interno); consumo (da propriedade rural até a indústria química); ambiente institucional (legislação e mecanismos governamentais de comercialização); ambiente organizacional (órgãos ligados à assistência técnica, crédito e pesquisa) (LEÃO, 2014).

Os seis maiores produtores são Estados Unidos, China, Brasil, União Europeia, Argentina e Ucrânia, concentrando 77% (860,3 milhões de toneladas) da produção mundial, que, para a safra 2019/2020, está estimada em 1,113 bilhão de toneladas, enquanto o consumo, em 1,133 bilhão (redução de 0,9% e aumento de 0,7%, respectivamente, em relação à safra anterior) (USDA, 2020).

A produção nacional prevista para a safra de 2019/2020 é de 101,9 milhões de toneladas, novo recorde, devido principalmente às boas condições climáticas e de mercado, tanto interno como externo (Tabela 2). No Nordeste, o destaque na produção está na região do Matopiba (confluência do cerrado de Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia), responsável por 81% da produção de milho total do Nordeste e 5% da produção nacional, com sistemas de produção de alta tecnologia. Nas duas últimas safras Maranhão e Piauí superaram a Bahia, que era o maior produtor nordestino e o nono nacional, até 2017/2018, depois de quebras de safra baiana, em razão de veranicos prolongados ocorridos em momentos cruciais do desenvolvimento das plantas (CONAB, 2020a).

1 RUAS, J. F. Análise Mensal: Feijão, Março/Abril, 2020. Brasília: CONAB, 2020. 7p.

Tabela 2 – Produção de milho no Brasil, por regiões e estados selecionados

| REGIÃO/UF | Ano-safra | | | | | Variação % | | | |
|---------------|-----------------|-----------------|-----------------|------------------|------------------|-------------|---------------|-------------|------------|
| | 2015/16(a) | 2016/17(b) | 2017/18(c) | 2018/19(d) | 2019/20(e) | b/a | c/b | d/c | e/d |
| CENTRO-OESTE | 28.244,4 | 48.873,7 | 41.451,2 | 52.825,9 | 56.069,3 | 73,0 | (15,2) | 27,4 | 6,1 |
| SUL | 23.089,7 | 27.137,8 | 19.236,5 | 25.310,3 | 22.890,2 | 17,5 | (29,1) | 31,6 | (9,6) |
| SUDESTE | 9.794,3 | 12.447,9 | 11.129,4 | 12.153,4 | 12.397,9 | 27,1 | (10,6) | 9,2 | 2,0 |
| NORDESTE | 3.435,4 | 6.681,3 | 6.445,8 | 6.676,8 | 7.306,3 | 94,5 | (3,5) | 3,6 | 9,4 |
| NORTE | 1.966,8 | 2.702,1 | 2.446,7 | 3.076,3 | 3.204,2 | 37,4 | (9,5) | 25,7 | 4,2 |
| MT | 15.271,6 | 28.867,0 | 26.400,6 | 31.307,2 | 34.494,1 | 89,0 | (8,5) | 18,6 | 10,2 |
| PR | 14.484,9 | 17.837,8 | 11.857,7 | 16.667,9 | 15.953,0 | 23,1 | (33,5) | 40,6 | (4,3) |
| GO | 6.430,5 | 9.644,2 | 8.111,7 | 11.492,0 | 11.574,6 | 50,0 | (15,9) | 41,7 | 0,7 |
| MS | 6.269,5 | 9.870,6 | 6.481,0 | 9.505,6 | 9.519,0 | 57,4 | (34,3) | 46,7 | 0,1 |
| MG | 5.921,0 | 7.520,9 | 7.086,5 | 7.534,2 | 7.707,6 | 27,0 | (5,8) | 6,3 | 2,3 |
| RS | 5.892,7 | 6.036,8 | 4.827,8 | 5.768,1 | 4.112,1 | 2,4 | (20,0) | 19,5 | (28,7) |
| SP | 3.828,5 | 4.883,3 | 3.999,7 | 4.583,7 | 4.654,0 | 27,6 | (18,1) | 14,6 | 1,5 |
| SC | 2.712,1 | 3.263,2 | 2.551,0 | 2.874,3 | 2.825,1 | 20,3 | (21,8) | 12,7 | (1,7) |
| PI | 739,5 | 1.386,3 | 1.488,8 | 1.844,4 | 2.081,3 | 87,5 | 7,4 | 23,9 | 12,8 |
| MA | 874,4 | 1.951,9 | 1.884,0 | 1.792,5 | 2.004,9 | 123,2 | (3,5) | (4,9) | 11,8 |
| BA | 1.447,9 | 1.983,7 | 2.294,8 | 1.630,1 | 1.841,1 | 37,0 | 15,7 | (29,0) | 12,9 |
| BRASIL | 66.530,6 | 97.842,8 | 80.709,5 | 100.042,7 | 101.867,9 | 47,1 | (17,5) | 24,0 | 1,8 |

Fonte: CONAB (2020b).

Nota: (e) Previsão, em abril de 2020.

Preços

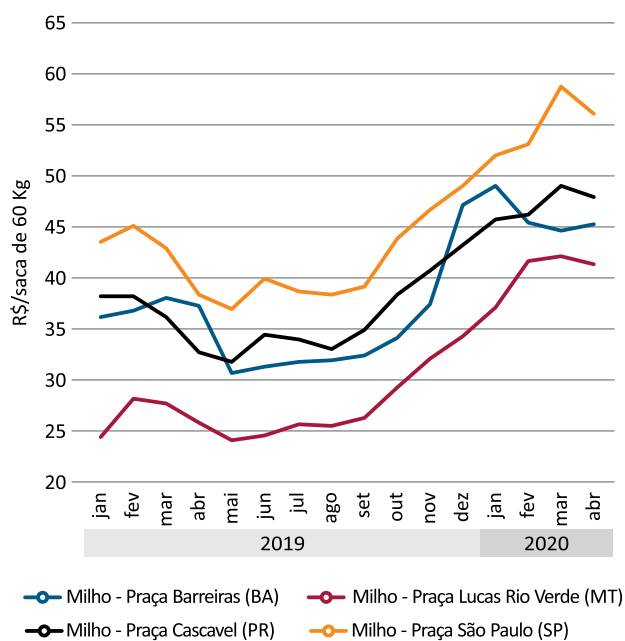
Dado que cerca de 70% da produção de milho se destina ao mercado interno, as cotações são mais influenciadas pela demanda interna que pela externa. No entanto, a cotação do dólar em alta desde 2019 tem favorecido as exportações, reduzindo a oferta e elevando o preço interno. O preço da soja, geralmente mais remunerador, também afeta o preço interno do milho.

Já os preços internacionais geralmente são puxados pela grande produção norte-americana (32% da mundial), que sofreu influência recente da peste suína africana, que dizimou pelo menos 35% do plantel suíno chinês, aumentou as exportações de carne suína e de frango do Brasil, que levam milho em sua ração. As restrições de circulação impostas pela pandemia de Covid-19 fizeram com que a oferta se retraísse; as incertezas climáticas envolvidas na segunda safra do milho e as expectativas de estoques menores continuam dando sustentação às altas cotações do mercado interno, que bateram recordes nominais em algumas regiões (R\$ 60/saca 60kg), no início de abril, abrindo um ciclo de alta semelhante ao ocorrido no primeiro semestre de 2016 (Gráfico 2). Com o mercado interno tendo preços mais atrativos, as exportações nacionais de milho caíram 51% em relação ao primeiro trimestre de 2019. Mas vale ressaltar que há dois fatores que podem baixar o preço do milho: a possibilidade de queda do dólar e a redução do consumo interno de etanol, que

poderiam aumentar a disponibilidade interna, apesar da restrição na oferta (AGROLINK NOTÍCIAS, 2020a; 2020b). Por outro lado, com a queda do poder de compra das famílias, o consumo de proteína animal mais barata deve ganhar espaço, e o confinamento de aves e suínos demanda mais ração animal que a de bovinos, o que deve ser outro fator de sustentação dos preços internos do milho em 2020 (EMIS, 2020).

No mercado externo, vale ressaltar que a pandemia está fazendo o consumo de combustível cair também nos Estados Unidos, agora o novo epicentro da Covid-19, reduzindo o esmagamento de milho para etanol, para onde ia 40% da produção norte-americana, aumentando a oferta exportável daquele país, o que pode também reduzir os preços externos do cereal e afetar as exportações brasileiras. Pouco antes da explosão da pandemia, já havia os problemas climáticos norte-americanos e a baixa mundial dos preços do petróleo, que chegou a um histórico patamar negativo em 20 de abril: - US\$ 37/barril WTI (comercializado nos EUA). A demanda fraca por combustível fóssil, num primeiro momento, elevará os estoques mundiais de milho e reduzirá seus preços externos, afetando também os preços internos no Brasil. E, ao contrário do que ocorre com a soja, o conflito comercial dos Estados Unidos com a China não afetou tanto o milho, já que os dois são os maiores produtores mundiais do cereal (AGROLINK NOTÍCIAS, 2020c; CANAL RURAL, 2020b).

Gráfico 2 – Evolução dos preços do milho, em praças selecionadas, 2019-2020



Fonte: CMA (2020).

Tendências

- O País continua vivendo a incerteza das consequências econômicas da pandemia e da crise política. A comercialização das Commodities deverá sofrer alterações diante do novo quadro apresentado, e o mercado do milho está muito vinculado ao de soja, combustíveis, suinocultura e avicultura, que também já passavam por algumas turbulências anteriores à explosão da Covid-19 no mundo, como a ocorrência da peste suína africana (PSA), na China, problemas climáticos nos Estados Unidos e a queda dos preços do petróleo, resultante do impasse comercial entre países do Oriente Médio e Rússia;
- A produção, por enquanto, parece não ter maiores problemas, contando com perspectivas otimistas por parte da CONAB e do IBGE, mas ainda é impossível prever o efeito econômico da pandemia sobre o consumo interno e as exportações, mesmo o milho sendo menos dependente destas que a soja. Análises preliminares, no entanto, apontam prejuízos na questão da distribuição e do consumo, pelas restrições na circulação de pessoas e nas medidas de isolamento social;
- A permanente alta do dólar frente ao real, associados aos fatores precitados, podem pressionar os preços no mercado interno e no externo.

SOJA

Cadeia produtiva

O Brasil deve assumir, na atual safra, a ponta da produção mundial de soja, com 124,5 milhões de toneladas, seguido por Estados Unidos, Argentina, China, Paraguai e Índia, que juntos somarão uma produção 310,6 milhões de toneladas (92%) na safra 2019/2020. A produção norte-americana sofre com o clima instável em algumas regiões produtoras (USDA, 2020a). A previsão da Conab é um pouco inferior, de 120,2 milhões de toneladas (Tabela 3), ainda assim um novo recorde, +8% (ou +9,1 milhões de toneladas) sobre 2018/2019. E só não será maior por conta na quebra da safra gaúcha em 30%, em razão da falta de chuvas em março e da seca que afetou a cultura em quase todas as fases. No Nordeste, a exemplo do milho, o destaque da produção da soja também se encontra no Matopiba, principalmente nos cerrados da Bahia, o sexto maior produtor nacional. Maranhão é o nono e o Piauí, o décimo-primeiro. Alagoas, integrando o Sealba (confluência de municípios de Sergipe, Alagoas e Bahia), outra fronteira agrícola que está sendo explorada no Nordeste, nos últimos três anos passou a produzir soja, ainda que em pequena escala (4,5 mil toneladas) (CONAB, 2020a).

A área plantada com soja no País deve aumentar para 36,84 milhões de hectares (+973,6 mil hectares ou 2,7%), também um recorde. Todas as regiões terão aumento de área até 7,3%, e o Centro-Oeste, a maior, deverá aumentar sua área para 16,57 milhões de hectares (+2,9%). No Nordeste, ficará praticamente estável (+0,1%). A produtividade nacional deve ficar em 3.313 kg/ha. (+2,9%), subindo em todos os estados produtores, menos Santa Catarina e Rio Grande do Sul. A nordestina é prevista em 3.346 kg/ha. (+5,7%), em razão do aumento da produtividade dos principais produtores (CONAB, 2020a).

Ainda podem ser considerados pontuais os impactos da pandemia de Covid-19 sobre a cadeia produtiva da soja. Em Goiás, com 90% da área já colhida da atual safra (2019/2020), houve relatos de falta de caminhões para retirar a produção das fazendas e encarecimento do frete devido à oferta mais restrita de transporte. Outra preocupação dos produtores é a disponibilidade de recursos para crédito agrícola dentro do Plano Safra, já que o momento do novo plantio se aproxima (AGROLINK, 2020d).

Tabela 3 – Produção de soja no Brasil, por regiões e estados selecionados

| REGIÃO/UF | Ano-safra | | | | | Variação % | | | |
|---------------|-----------------|------------------|------------------|------------------|------------------|-------------|------------|--------------|------------|
| | 2015/16 (a) | 2016/17 (b) | 2017/18 (c) | 2018/19 (d) | 2019/20 (e) | b/a | c/b | d/c | e/d |
| CENTRO-OESTE | 43.752,6 | 50.149,9 | 53.945,4 | 52.637,5 | 57.839,4 | 14,6 | 7,6 | (2,4) | 9,9 |
| SUL | 35.181,1 | 40.592,8 | 38.626,7 | 37.822,4 | 36.569,3 | 15,4 | (4,8) | (2,1) | (3,3) |
| NORDESTE | 5.107,1 | 9.644,7 | 11.850,7 | 10.553,4 | 11.165,0 | 88,8 | 22,9 | (10,9) | 5,8 |
| SUDESTE | 7.574,9 | 8.151,5 | 8.955,0 | 8.091,8 | 9.932,2 | 7,6 | 9,9 | (9,6) | 22,7 |
| NORTE | 3.818,9 | 5.536,4 | 5.904,2 | 5.924,8 | 6.554,3 | 45,0 | 6,6 | 0,3 | 10,6 |
| MT | 26.030,7 | 30.513,5 | 32.306,1 | 32.454,5 | 34.904,3 | 17,2 | 5,9 | 0,5 | 7,5 |
| RS | 16.201,4 | 18.713,9 | 17.150,3 | 19.187,1 | 13.338,1 | 15,5 | (8,4) | 11,9 | (30,5) |
| PR | 16.844,5 | 19.586,3 | 19.170,5 | 16.252,7 | 20.860,7 | 16,3 | (2,1) | (15,2) | 28,4 |
| GO | 10.249,5 | 10.819,1 | 11.785,7 | 11.437,4 | 12.464,6 | 5,6 | 8,9 | (3,0) | 9,0 |
| MS | 7.241,4 | 8.575,8 | 9.600,5 | 8.504,0 | 10.179,9 | 18,4 | 11,9 | (11,4) | 19,7 |
| BA | 3.211,1 | 5.123,3 | 6.333,2 | 5.309,1 | 5.680,0 | 59,5 | 23,6 | (16,2) | 7,0 |
| BRASIL | 95.434,6 | 114.075,3 | 119.282,0 | 115.029,9 | 124.205,1 | 19,5 | 4,6 | (3,6) | 8,0 |

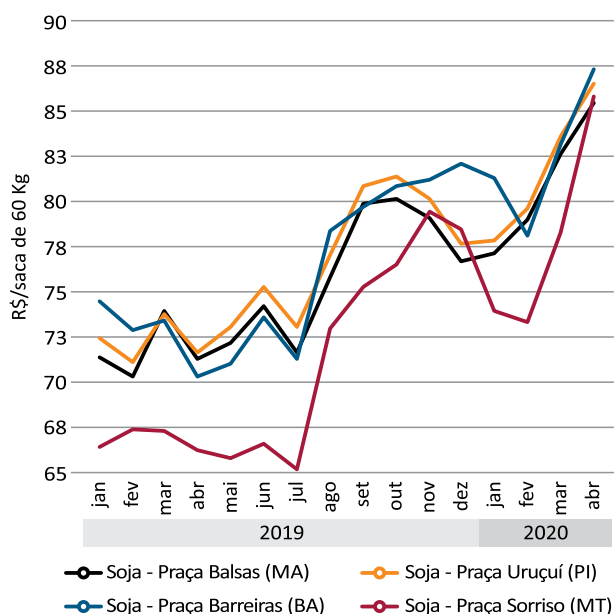
Fonte: CONAB (2020b).

Nota: (¹) Previsão, em abril de 2020.

Preços

Os preços mundiais da soja sofrem influência direta da produção de Estados Unidos, Brasil e Argentina e do expressivo consumo chinês; eventuais problemas nos maiores produtores e exportadores, ou mudanças na sua política agrícola/comercial, refletem diretamente na Bolsa de Chicago, referência na formação de preços da soja, em nível mundial (Gráfico 3).

Gráfico 3 – Evolução dos preços da soja em grão, em praças selecionadas, 2019-2020



Fonte: CMA (2020).

Os preços internos são influenciados diretamente por fretes, impostos, despesas administrativas e oscilações de safra, mas têm sido afetados também pelos fatores externos (dado que normalmente 60% da produção é exportada), como variações do dólar e dos preços internacionais. O câmbio influencia nos contratos de negociação e também na importação de insumos, mais caros quando

há desvalorização do real em relação ao dólar. O preço interno da soja é ainda afetado pelo preço do petróleo, origem do nitrogênio utilizado no fertilizante, geralmente importado; pela produção de soja dos Estados Unidos e pelo consumo da China.

Os preços da soja começaram a se elevar a partir de agosto/19, por conta da falta de chuvas em importantes áreas produtoras, dos baixos estoques da safra 2018/2019, da demanda interna e externa aquecidas e das elevações dos contratos futuros na bolsa de Chicago. O dólar tem sua contribuição na alta dos preços, com altas históricas desde setembro/19, atingindo valores superiores a R\$ 5,70 em 24 de abril, pelas incertezas quanto à Covid-19 e à política no País, com a instabilidade gerada pela troca de comando em dois ministérios (da Saúde e da Justiça). A disputa entre compradores domésticos e internacionais esteve mais acirrada, mesmo com a finalização da colheita em muitas regiões brasileiras, e a pandemia levou a Argentina (terceiro maior exportador mundial) a limitar o movimento em seus portos, favorecendo as vendas brasileiras de soja e derivados. Vale lembrar que o governo argentino, mesmo antes da pandemia, já admitia aumentar as *retenciones* (a taxa sobre as exportações) agrícolas, em razão da crise econômica enfrentada por aquele país, um dos maiores produtores e exportadores do complexo soja, o que favoreceria Brasil e Estados Unidos, de qualquer forma. O farelo e o óleo de soja nacionais também tiveram vendas aquecidas no último mês, superiores ao mesmo período do ano passado, com a soja em grão batendo o recorde de R\$ 110/saca, no fim de abril (CEPEA, 2019; CEPEA 2020).

Como consequência da Covid-19, e também da queda dos preços do petróleo, os preços internacionais da soja podem cair, mas a longo prazo. A priori, o comércio internacional de *commodities* com a China, pelo menos as agrícolas, parece não ter sido afetado. O cenário de incerteza causado pela pandemia tende a manter o dólar no patamar atual de mais de R\$ 5, o que, por hora, favorece os preços externos e também dá sustentação aos internos

da soja, já que em muitas praças brasileiras a saca de 60 quilos vem sendo negociada a mais de R\$ 100, no final de abril (AGROLINK, 2020e).

Tendências

- Vários fatores contribuíram para a alta dos preços da soja: a elevada demanda pelo produto, a alta do dólar, as restrições dos embarques da Argentina devido ao Covid-19 e a questões diplomáticas entre Estados Unidos e China, que favoreceram o mercado doméstico. No desenrolar da pandemia no Brasil, a safra foi vendida;
- A tendência é de alta no mercado interno, e no mercado externo, a China, principal destino das exportações, sinaliza arrefecimento da pandemia. Destacam-se dois aspectos, o acordo entre China e Estados Unidos, que prevê a aquisição pela China de US\$ 50 bilhões em produtos estadunidenses ainda em 2020, e as tensões entre estes países que, se mantidas, favorecer o Brasil.

Considerações finais

As atividades relacionadas ao agro não parecem ter sentido, nessas primeiras semanas, um impacto mais forte da pandemia de Covid-19. Agentes mais bem estruturados procuram reforçar, “dentro da porteira”, os cuidados de prevenção à doença. As atividades envolvidas no escoamento da produção, como o transporte rodoviário e portuário, também foram consideradas essenciais, o que ajudou a manter algum grau de normalidade na cadeia produtiva. A pandemia expôs o mundo a uma nova e inusitada situação; haverá um baque financeiro muito forte, talvez só comparável à grande depressão econômica da década de 1930, mesmo entre as maiores economias do planeta. Muitas empresas se extinguirão, outras se adaptarão à nova realidade e a taxa de desemprego deverá subir consideravelmente, principalmente entre as economias menos favorecidas.

Em relação ao ano-safra anterior, a previsão é de redução da produção e dos estoques finais mundiais de milho e soja, em contraste com o aumento do consumo. Os estoques internacionais de grãos, principalmente dos dois maiores produtores, China e Estados Unidos, ainda estão altos, o que pode reduzir a liquidez no mercado. As instabilidades climáticas nos Estados Unidos podem prejudicar a produção de grãos e contrabalançar esse fato, gerando variações nos preços internacionais.

Diante do cenário de pandemia, é recomendável mais cautela ainda na definição dos preços pagos ao produtor, na elaboração dos projetos de crédito bancário, para não se comprometer a capacidade futura de pagamento. O cenário macroeconômico, por hora incerto, também reflete nos preços pagos ao produtor e na atual conjuntura. O câmbio, em elevação desde 2018, bateu recordes em 2020, em função da incerteza gerada pela Covid-19 no mundo inteiro. No cenário doméstico, há ainda indefini-

ções geradas pela crise política do atual governo, o que interfere na aprovação de reformas consideradas fundamentais, como a da previdência e a tributária, o que pode elevar o custo dos insumos e reduzir as margens de lucro dos produtores.

A questão da armazenagem, nesta pandemia, assume grande importância. É importante a existência de uma política de armazenagem de grãos eficiente, tanto para os próprios agricultores, como para os produtores de suínos, aves e bovinos. A criação de linhas de crédito específicas para implantação e controle de armazenamento de grãos nas propriedades é um passo fundamental para melhoria de receita dos produtores, no sentido de minimizar os impactos do déficit sempre crescente entre as safras de alto volume e a capacidade estática de armazenamento de grãos. A logística de transporte de grãos continua como problema a ser superado. O péssimo estado das rodovias, nas áreas produtoras do cerrado, dificulta o acesso aos portos e o frete ainda é objeto de questionamentos por grupos ligados à indústria, à agropecuária e a empresas de transportes, com eventuais ameaças de nova paralisação dos caminhoneiros.

Referências

ABIMILHO. O cereal que enriquece a alimentação humana. Disponível em: <http://www.abimilho.com.br/milho/cereal>. Acesso em: 02 abr. 2020a.

_____. Estatística, oferta e demanda. Disponível em: <http://www.abimilho.com.br/estatisticas>. Acesso em 02 abr. 2020b.

AGROLINK NOTÍCIAS. Pesquisa desenvolve hambúrguer de feijão fermentado. Disponível em: https://www.agrolink.com.br/noticias/pesquisa-desenvolve-hamburguer-de-feijao-fermentado_412521.html?utm_source=agrolink-clipping&utm_medium=email&utm_campaign=clipping_edicao_6277&utm_content=noticia. Acesso em: 31 out. 2018.

_____. Soja em grãos para alimentação humana é cada vez mais popular no Brasil. Disponível em: https://www.agrolink.com.br/noticias/soja-em-graos-para-alimentacao-humana-e-cada-vez-mais-popular-no-brasil_425905.html?utm_source=agrolink-clipping&utm_medium=email&utm_campaign=clipping_edicao_6523&utm_content=noticia&ib=y. Acesso em: 29 out. 2019.

_____. Milho acima de R\$ 60 por saca em Campinas-SP. Disponível em: https://www.agrolink.com.br/noticias/milho-acima-de-r-60-por-saca-em-campinas-sp_432118.html?utm_source=agrolink-clipping&utm_medium=email&utm_campaign=clipping_edicao_6634&utm_content=noticia&ib=y. Acesso em: 04 abr. 2020a.

_____. Exportações brasileiras do agro se mantêm estáveis no 1º trimestre. Disponível em: https://www.agrolink.com.br/noticias/exportacoes-brasileiras-do-agro-se-mantem-estaveis-no-1o-trimestre_432272.html?utm_source=agrolink-clipping&utm_medium=email&utm_campaign=clipping_edicao_6637&utm_content=noticia&ib=y. Acesso em: 09 abr. 2020b.

_____. EUA fechará 30 plantas esmagadoras de milho para etanol com crise no petróleo e coronavírus. Disponível em: <https://www.noticiasagricolas.com.br/videos/soja/255882-eua-fechara-30-plantas-esmagadoras-de-milho-para-etanol-com-crise-no-petroleo-e-coronavirus.html#XoS-flhKjIU>. Acesso em: 31 mar. 2020c.

_____. Mesmo com exportações de soja aceleradas, produção crescente garante suprimento para o mercado interno, garante Aprosoja-GO. Disponível em: https://www.agrolink.com.br/noticias/mesmo-com-exportacoes-de-soja-aceleradas--producao-crescente-garante-suprimento-para-o-mercado-interno--garante-aprosoja-go_432394.html?utm_source=agrolink-detalle-noticia&utm_medium=detalle-noticia&utm_campaign=noticias-relacionadas. Acesso em: 14 abr. 2020d.

_____. Soja passa dos R\$ 100 em várias praças: hora de vender?. Disponível em: https://www.agrolink.com.br/noticias/soja-passa-dos-r-100-em-varias-pracas--hora-de-vender-_433062.html?utm_source=agrolink-clipping&utm_medium=email&utm_campaign=clipping_edicao_6648&utm_content=noticia&ib=y. Acesso em: 28 abr. 2020.

APROSOJA. A história da soja. Disponível em: <https://aprosojabrasil.com.br/a-soja/>. Acesso em: 12 abr. 2020.

BRAINER, M. S. C. P. Análise setorial de grãos – soja. Fortaleza: Banco do Nordeste, 2013.

CANAL RURAL. Soja: “China não vai diminuir volume de compras em meio à pandemia”. Disponível em: <https://www.canalrural.com.br/sites-e-especiais/projeto-soja-brasil/soja-china-nao-vai-diminuir-volume-de-compras-em-meio-a-pandemia/>. Acesso em: 20 abr. 2020a.

CANAL RURAL. Grãos – Veja a tendência de preços em meio à pandemia de coronavírus. Disponível em: <https://www.canalrural.com.br/noticias/agricultura/graos-veja-a-tendencia-de-precos-em-meio-a-pandemia-de-coronavirus/>. Acesso em: 20 abr. 2020b.

Centro de Estudos de Economia Aplicada (CEPEA). Agromensal Soja: agosto de 2019. Disponível em: <https://www.cepea.esalq.usp.br/upload/revista/pdf/0845832001567704388.pdf>. Acesso em: 30 out. 2019b.

_____. Agromensal Soja: março de 2020. Disponível em: <https://www.cepea.esalq.usp.br/upload/revista/pdf/0367458001586351899.pdf>. Acesso em: 16 abr. 2020.

COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO (CONAB). Perspectivas para a agropecuária. Vol. 5, safra 2017/2018, Produtos de Verão. Brasília: 2017. Disponível em: https://www.conab.gov.br/OlalaCMS/uploads/arquivos/17_09_06_09_30_08_perspectivas_da_agropecuaria_bx.pdf. Acesso em: 22 nov. 2017.

COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO (CONAB). 7ª. Levantamento da safra brasileira de grãos 2019/2020. Disponível em: <https://www.conab.gov.br/info-agro/safras/graos>. Acesso em: 13 mar. 2020a.

_____. Séries históricas. Disponível em: <https://www.conab.gov.br/info-agro/safras/serie-historica-das-safras?s-tart=20>. Acesso em: 13 mar. 2020b.

_____. Feijão. Preços Agropecuários Disponível em: <http://sisdep.conab.gov.br/precosiagroweb/>. Acesso em: 30 mar. 2020c.

CONSULTORIA, MÉTODOS, ASSESSORIA E MERCANTIL S.A. *Trading Analysis Information*. São Paulo: CMA, 2020.

EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA (EMBRAPA). Notícias. Biscoito de feijão-caupi é mais nutritivo e não contém glúten. Disponível em: <https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/35752476/biscoito-de-feijao-caupi-e-mais-nutritivo-e-nao-contem-gluten>. Acesso em: 25 out. 2018.

EMIS. Alerta Setorial. Milho. Estoques baixos e desvalorização do real inflam preços. Acesso em: 24 abr. 2020.

FAOSTAT. *Crops*. Disponível em: <http://www.fao.org/faostat/en/#data/QC>. Acesso em: 26 mar. 2020.

Instituto Brasileiro do Feijão (IBRAFE). Revista IBRAFE, Ano 2, Edição 2, junho de 2018. Curitiba (PR). Disponível em: http://www.ibrafe.org/wp-content/uploads/2018/09/IBRAFE_REVISTA_ED2_VF_digital.pdf. Acesso em: 26 out. 2018a.

_____. Bom futuro para o feijão do Brasil. Disponível em: <http://www.ibrafe.org/artigo/bom-futuro-para-o-feijao-do-brasil/>. Acesso em: 26 out. 2018b.

LEÃO, H. C. S. Análise setorial grãos – milho. Fortaleza: Banco do Nordeste, 2014.

NOTÍCIAS AGRÍCOLAS. Antecipação das compras do início do mês por causa do coronavírus e oferta restrita já alteram preços do feijão ao produtor. Disponível em: <https://www.noticiasagricolas.com.br/videos/feijao-e-graos-especiais/254761-antecipacao-das-compras-do-inicio-do-mes-por-causa-do-coronavirus-e-oferta-restrita-ja-alteram-precos.html#XoS82IhKjIU>. Acesso em: 01/04/2020.

UOL. Agronegócio. Embrapa lança feijão transgênico, e setor teme rejeição de consumidor. Disponível em: <https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2019/05/28/agronegocio-embrapa-lanca-feijao-transgenico.htm>. Acesso em: 28 out. 2019.

_____. Economia. Exportação de soja do Brasil em março ganha ritmo, mas coronavírus preocupa logística. Disponível em: <https://economia.uol.com.br/noticias/reuters/2020/03/23/exportacao-de-soja-do-brasil-em-marco-ganha-ritmo-mas-coronavirus-preocupa-logistica.htm>. Acesso em: 20 abr. 2020.

UNITED STATES DEPARTMENT OF AGRICULTURE - USDA. Production, Supply and Distribution (PSD) on line. Disponível em: <https://apps.fas.usda.gov/psdonline/app/index.html#/app/advQuery>. Acesso em: 03 abr. 2020.

ANÁLISES DISPONÍVEIS

AGROPECUÁRIA

- Citricultura - 12/2019
- Café - 12/2019
- Hortaliças - 11/2019
- Mandioca - Raiz, farinha e fécula - 11/2019
- Algodão - 10/2019
- Grãos - feijão, milho e soja - 09/2019
- Flores e plantas ornamentais - 09/2019
- Carnes: "preço do boi nos ares" - 09/2019
- Pescados - 08/2019
- Fruticultura - 06/2019
- Comércio exterior: cacau e seus produtos - 06/2019
- Grãos: feijão, milho e soja - 05/2019
- Comércio exterior: produtos apícolas - 04/2019
- Comércio exterior: sucos de frutas - 04/2019
- Comércio exterior: sucroalcooleiro - 04/2019
- Comércio exterior: fibras e produtos têxteis - 04/2019
- Comércio exterior: frutas, nozes e castanhas - 03/2019
- Comércio exterior: setor florestal - 03/2019
- Comércio exterior: grãos - 03/2019
- Comércio exterior no Nordeste - 03/2019
- Silvicultura - 02/2019
- Sucroalcooleiro - 02/2019
- Apicultura - 01/2019

INDÚSTRIA

- A Indústria Têxtil no Nordeste, Norte de Minas e Norte do Espírito Santo - Contextualização e perspectivas - 10/2019
- Indústria Petroquímica - 10/2019
- Indústria Siderúrgica - 08/2019
- Setor moveleiro - 07/2019
- Indústria de bebidas não alcoólicas - 07/2019
- Indústria de Alimentos - 05/2019
- Bebidas Alcoólicas - 05/2019

INFRAESTRUTURA E CONSTRUÇÃO CIVIL

- Distribuição de energia elétrica - 10/2019
- Micro e minigeração distribuída - 07/2019
- Saneamento - 06/2019
- Telecomunicações - 06/2019
- Biocombustíveis - 05/2019
- Energia eólica - 02/2019
- Energia elétrica - 01/2019
- Saneamento - 01/2019
- Transportes - 01/2019

COMÉRCIO E SERVIÇOS

- Turismo - 12/2019
- Serviços 2019/2020 - 11/2019
- Comércio 2019/2020 - 09/2019
- Comércio eletrônico - 08/2019
- Hoteleiro - 08/2019
- Saúde - 07/2019
- Shopping Centers - 02/2019

ANÁLISES SETORIAIS ANTERIORES

<https://www.bnb.gov.br/publicacoes/CADERNO-SETORIAL>

CONHEÇA OUTRAS PUBLICAÇÕES DO ETENE

<https://www.bnb.gov.br/publicacoes-editadas-pelo-etene>

ANÁLISES PREVISTAS PARA 2020

| Análise setorial | Previsão 2020 |
|---|---------------|
| Indústria de alimentos | Março |
| Comércio Exterior do Agronegócio Nordestino | Março |
| Cajucultura | Abril |
| Comércio Exterior do Agronegócio Nordestino | Abril |
| Apicultura | Abril |
| Saneamento | Abril |
| Indústria da construção civil | Maio |
| Indústria de bebidas alcoólicas | Maio |
| Grãos (1ª safra) | Maio |
| Cocoicultura | Maio |
| PET | Junho |
| Sucroenergético | Junho |
| E-commerce | Junho |
| Energia eólica | Julho |
| Indústria de bebidas não alcoólicas | Julho |
| Produção de mandioca - raiz, farinha e fécula | Julho |
| Silvicultura | Julho |
| Indústria siderúrgica | Agosto |
| Grãos (2ª safra) | Agosto |
| Móveis | Agosto |
| Bovinocultura leiteira | Agosto |
| Biocombustíveis | Agosto |
| Hotelaria | Agosto |
| Microgeração de energia | Setembro |
| Indústria petroquímica | Setembro |
| Floricultura | Setembro |
| Algodão | Outubro |
| Fruticultura | Outubro |
| Turismo | Outubro |
| Rochas ornamentais | Novembro |
| Petróleo e gás natural | Novembro |
| Hortaliças | Novembro |
| Cafeicultura | Dezembro |
| Aquicultura e pesca | Dezembro |
| Shopping Center | Dezembro |
| Telecomunicações | Julho |
| Micro e pequenas empresas | Março |
| Saúde | Novembro |
| Setor têxtil | Setembro |
| Vestuário | Maio |
| Comércio | Dezembro |
| Serviços | Dezembro |